

## QUEBRA-LIGAÇÕES

LARISSA SILVA DE SOUZA<sup>1</sup>; CAROLINA ALMEIDA DE OLIVEIRA<sup>2</sup>; SOFIA LONDERO DE SOUZA VARGAS<sup>3</sup>; PÂMELA VARGAS SOARES <sup>4</sup>;

DANIEL BRUNO MOMOLI<sup>5</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [larissa.silvadesouza014@gmail.com](mailto:larissa.silvadesouza014@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [carolina.almeida@ufpel.edu.br](mailto:carolina.almeida@ufpel.edu.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sofia.artes.ufpel@gmail.com](mailto:sofia.artes.ufpel@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pamelavargassoares09@gmail.com](mailto:pamelavargassoares09@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [daniel.momoli@ufpel.edu.br](mailto:daniel.momoli@ufpel.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

A humanidade e meio ambiente estão intrinsecamente ligadas, e é a partir dessa relação que se é percebido como o ser humano, se distancia dessa conexão, não se identifica como parte da natureza, como afirma Krenak (2019, p.16-17):

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Tendo como base nessa reflexão, é necessário questionar como esse afastamento do ser humano, como sociedade, com o ambiente que reside, a terra, afeta ambas as partes. Nisso, as artes visuais podem se envolver na busca de expor essa dinâmica, e dessa forma, criar algo a partir disso.

Com fundamento em todos esses aspectos, é então iniciada uma discussão relevante à realidade dos alunos no momento em que esse trabalho foi realizado, as enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul em 2024. A arte na escola foi utilizada como uma plataforma de saberes para gerar vínculos entre a previamente citada dissociação entre sociedade e natureza, e o desastre natural que ocorria na época.

Segundo Duarte (2011, v.9, p.29), “ao professor compete apenas oferecer as ferramentas, aquelas já testadas no passado, e acompanhar com bom senso as novas falas, as novas escritas e as novas produções artísticas que deverão surgir.” Foi seguindo esse pensamento, que o trabalho a seguir foi desenvolvido, utilizando as associações estabelecidas durante as reflexões em aula com a turma, referências visuais, e produção artística na busca de sensibilizar os alunos ao problema.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Em agosto de 2024 na disciplina Artes Visuais na Educação I do curso Artes Visuais Licenciatura realizamos uma atividade de integralização da extensão na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Francisco Simões. Ao longo de quatro semanas trabalhamos como tema, as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, visando de alguma forma ressignificar esse assunto tão sensível e

traumático. Da ação de extensão que realizamos surgiu o quebra cabeça com os desenhos dos alunos enquanto uma proposta de ressignificação do desenho como uma prática expandida da arte, fazendo da prática artística um convite à reflexão sobre a experiência vivida. Para esta ação de extensão, utilizamos a metodologia desenvolvida por Richter (2003, p.41):

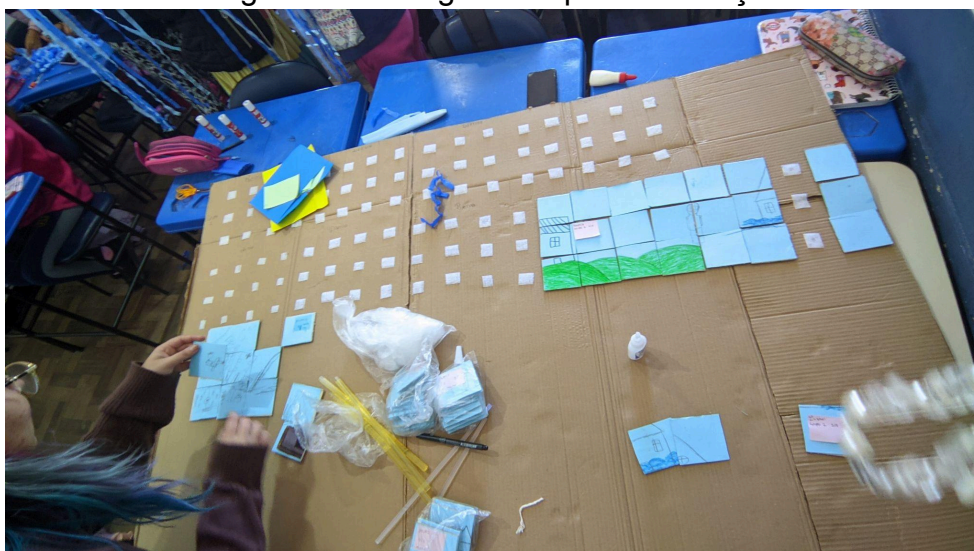
O ensino da arte na escola precisa preservar essa linha de encantamento do universo estético das crianças, para poder não somente contextualizar o ensino da arte em si, mas também contextualizá-lo em relação ao meio cultural e estético em que as crianças estão inseridas.

No primeiro encontro pedimos para que as crianças desenhassem uma mão e colocassem, em cada dedo, coisas relacionadas a sua vida, como por exemplo, artes que gostam e qual meio de transporte vão para escola.

Depois, no segundo encontro dividimos a turma de quinto ano em quatro grupos por meio de sorteio, após isto falamos sobre o Canal São Gonçalo e perguntamos para as crianças o que sabiam sobre ele, também fizemos perguntas sobre a questão da enchente, depois mostramos imagens impressas do Canal São Gonçalo e falamos a respeito dele. A atividade se iniciou com os alunos anotando o que viram nas imagens. As palavras geradas no exercício foram utilizadas para produção dos desenhos que se conectam criando uma história contínua que narra aquilo que foi vivido pelas crianças durante aquele episódio de crise sócio-ambiental. A produção da turma foi realizada utilizando grafismos e colagens sobre folha A4 de cor azul em referência a materialidade da água.

Após a conclusão da atividade gráfica, surgiu a ideia do quebra-cabeça com os desenhos dos estudantes. As produções feitas em papel A4 foram coladas sobre papelão e cortadas em seis partes iguais. Este jogo visa trazer de forma lúdica ao estudante, ao professor e a comunidade externa um convite para repensar temas como o meio ambiente e as enchentes, a partir de uma história visual construída desde o olhar das crianças em uma proposta de ressignificação de memórias traumáticas.

Figura 1: Montagem do quebra-cabeça.



Fonte: Arquivo pessoal.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, mesmo com contratempos, a prática foi realizada com sucesso, mesmo que durante o processo, alguns alunos tenham se negado a participar, ou não tenham gostado da experiência de trabalho em grupos. A atividade foi concluída conforme o planejado. No decorrer das aulas, foi percebido como a turma se envolvia nas discussões, compartilhando suas experiências pessoais acerca das enchentes e com isso percebemos que as crianças não estão distantes dos problemas que fazem parte de seus cotidianos. Trouxemos o olhar do estudante como foco, potencializando o lugar de fala deles, pois muitas vezes suas vozes são silenciadas. É importante abrir espaço para que crianças e estudantes possam falar sobre seus medos, dores e esperanças, assim como é preciso permitir que falam suas indagações sobre as questões ambientais que assolaram o estado do Rio Grande do Sul naquele contexto que estávamos vivenciando. Com esta ação extensionista, compreendemos que a arte na educação é uma forma de ressignificar temas que fazem parte da vida das crianças.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. **Bases Curriculares para as Artes Visuais no Ensino Fundamental**. Florianópolis: Nupeart, 2011.